

VINTE E CINCO DE ABRIL – **trinta anos**

Cidadãos pela Paz
Capela do Rato, dia 3 de Abril às 21horas

PROGRAMA

- Apresentação da Sessão
- Coro Lopes Graça da A. A. M. [1ª Parte]
- José Bação Leal, Evocação
Leitura de cartas e poesia [1ª Parte]
- Coro Lopes Graça da A. A. M. [2ª Parte]

INTERVALO

- Canções por Francisco Fanhais
- Leitura de cartas e poesia [2ª Parte]
- Coro Lopes Graça da A. A. M. [3ª Parte]

ABRIL -- Associação Regional para a Democracia e o Desenvolvimento

Apresentação - Novembro de 2003

História

A Associação foi criada em 1986, na sequência da campanha à Presidência da República de Maria de Lurdes Pintasilgo, independentemente da sua intervenção, por pessoas que consideravam importante manter viva a filosofia central da sua campanha.

A par da ABRIL, em Lisboa, fundaram-se a APRIL no Porto e a ARIP em Coimbra, esta última entretanto já extinta.

O objectivo principal era manter viva e actualizar a mensagem política da campanha em torno da construção da democracia participativa.

Baseou-se nos núcleos de apoio à campanha espalhados pelo país mas, sobretudo, os dos Concelhos de Lisboa e sua área periférica.

Organização

No início, houve muita discussão em torno da forma de desenvolver actividade política não partidária. Havia grupos com história e cultura política diversas, as lutas internas foram grandes. Esse período passou, mantendo-se como denominador comum o princípio de abertura às várias expressões políticas que defendem como essencial o exercício da democracia participativa a par da representativa, no caminho para a democratização plena.

Os Estatutos aprovados apontam como objecto de actividade a promoção do desenvolvimento social e da cidadania. Considera-se uma agremiação de cariz político-cultural.

A ABRIL tem sede própria, suportando uma renda bastante elevada que consegue assumir através da contribuição dos sócios, das actividades que desenvolve e, em parte, partilhando o espaço com a Casa do Brasil, um dos grupos ou Entidades a que, no âmbito da sua acção, apoiou ou ajudou a criar abrindo-lhes as portas enquanto não lhes foi possível obter o seu próprio espaço. Entre esses grupos conta-se "O Teatro Espaço" de António Fontinha, "A Casa da América Latina", "A Opus Gay", "A Agro-Bio", A "Opel" grupo de jovens timorenses ligados à manifestação do Cemitério de Santa Cruz, entre outros.

Iniciativas

Mantém-se o vector político não partidário. Em períodos em que é necessário escolher, convidam-se os vários partidos, nomeadamente do leque de esquerda, para exporem os seus programas, já que a maioria dos membros é independente e, procura-se que cada um opte conscientemente.

Não se envolve como grupo com as campanhas dos partidos, com uma excepção que foi a 1ª eleição de Jorge Sampaio para a Câmara Municipal de Lisboa. Já se lutava por uma coligação de esquerda desde um ano antes, única forma de enfrentar a de direita até aí ganhadora por se apresentar coligada, o que distorcia a vontade da maioria dos eleitores da cidade.

Entre as suas actividades contam-se:

Tomadas de posição pública sobre diversas questões com lançamento de abaixo-assinados e idas à Assembleia da República para apresentar e defender os seus pontos de vista.

Divulga-se, analisa-se e, quando possível toma-se posição, sobre questões emergentes no contexto social ou que se encontram em debate ou discussão pública. E o caso da interrupção voluntária da gravidez ou da discussão pública sobre a Saúde.

Debates que vieram a dar origem à Plataforma para o Direito de Optar ou à defesa das Gravuras de Foz Côa tiveram início na sede da Abril.

Nos passeios e visitas procura-se contactar as comunidades locais, a população individualmente e as suas colectividades. Por exemplo na ida a Aronches participando numa matança tradicional do porco ou, na visita a Foz Côa em que houve um encontro e debate com elementos empenhados da população, focado sobre o seu sentir acerca das consequências da descoberta das gravuras.

Promoveu-se um ciclo de iniciativas dedicado a Eça de Queirós, com palestras pelo Arq. Campos Matos, uma visita guiada ao principal percurso Queiroziano em Lisboa (onde se localiza a sede da ABRIL), uma exposição temática cedida pela Biblioteca da Póvoa de Varzim, um jantar inspirado nas referências gastronómicas da obra do escritor com o Embaixador Diário de Castro Alves e, uma deslocação a Tomes.

No âmbito cultural destaca-se, ainda, o acolhimento a um grupo de jovens alemães que pretendiam conhecer Portugal em várias vertentes, de cuja visita foi guia, um ciclo sobre mulheres que têm tido um desempenho interessante no país, a realização durante três anos de uma iniciativa designada "O Campo vem à Cidade", trazendo a Lisboa Associações de Desenvolvimento Local para se darem a conhecer e venderem os seus produtos.

Desenvolve actividades com outras Associações, de que se destaca a realização durante três anos da "Feira do Cidadão".

Em 1998 e 1999, ao abrigo do sub-programa INTEGRAR, promoveu formação profissional dirigida a minorias étnicas e jovens em risco, tendo a comunidade timorense como destinatária privilegiada. Esses projectos intitulados "Toda a Gente é Alguém - I e II", certificaram 43 formandos em mecânica-auto, informática, tapeçaria e camisaria e, no 2º curso mais modesto, 25 em bate-chapa e informática.

Com a Casa do Brasil, tem em funcionamento uma UNIVA, Unidade de Inserção na Vida Activa.

Participaram na Plataforma para o Direito de Optar e, foram uma das Organizações subscritoras da criação da ATTAC portuguesa.

CORO LOPES-GRAÇA

da Academia Amadores de Música

Direcção de José Robert

PROGRAMA

I Parte

Uma Canção Heróica de Fernando Lopes-Graça e cinco Canções Regionais Portuguesas harmonizadas por Fernando Lopes-Graça

Uma canção heróica

- | | |
|-------------------|------------------|
| 1. Canto do livre | Soares de Passos |
|-------------------|------------------|

Cinco canções regionais portuguesas

- | | |
|----------------------------|----------------|
| 1. Aproveitai a azelona | Beira Baixa |
| 2. Canção da vindima | Beira Baixa |
| 3. Olha a laranja | Alentejo |
| 4. A Senhora d'Aires | Baixo Alentejo |
| 5. Adeus, Largo do Prumal! | Trás-os-Montes |

II Parte

Três Encomendações das Almas e quatro Canções Regionais Portuguesas harmonizadas por Fernando Lopes-Graça

Três Encomendações das Almas

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1. Se dormis, cristãos | Origem não determinada |
| 2. Rezem um Padre Nosso | Beira Baixa |
| 3. Alerta, alerta (!) | Minho |

Quatro Canções Regionais Portuguesas

- | | |
|---------------------------------|---------------|
| 1. Os homens que vão prá guerra | Douro Litoral |
| 2. Nossa Senhora do Carmo | Beira Baixa |
| 3. São João adormeceu | Alentejo |
| 4. Maria da Conceição | Beira Baixa |

III Parte

Três Canções Heróicas de Fernando Lopes-Graça e a versão Coral de Fernando Lopes-Graça de uma Canção de José Afonso

Três canções heróicas

- | | |
|--------------|---------------------|
| 1. Acordal! | José Gomes Ferreira |
| 2. Exaltação | Miguel Torga |
| 3. Jornada | José Gomes Ferreira |

Versão Coral de uma Canção de José Afonso

- | | |
|--------------------------|-------------|
| 1. Grândola, vila morena | José Afonso |
|--------------------------|-------------|

ABRIL -- Associação Regional para a Democracia e o Desenvolvimento

Apresentação - Novembro de 2003

História

A Associação foi criada em 1985, na sequência da campanha à Presidência da República de Maria de Lurdes Pintasilgo, independentemente da sua intervenção, por pessoas que consideravam importante manter viva a filosofia central da sua campanha.

A par da ABRIL, em Lisboa, fundaram-se a APRIL no Porto e a ARIP em Coimbra, esta última entretanto já extinta.

O objectivo principal era manter viva e actualizar a mensagem política da campanha em torno da construção da democracia participativa.

Baseou-se nos núcleos de apoio à campanha espalhados pelo país mas, sobretudo, os dos Concelhos de Lisboa e sua área periférica.

Organização

No início, houve muita discussão em torno da forma de desenvolver actividade política não partidária. Havia grupos com história e cultura política diversas, as lutas internas foram grandes. Esse período passou, mantendo-se como denominador comum o princípio de abertura às várias expressões políticas que defendem como essencial o exercício da democracia participativa a par da representativa, no caminho para a democratização plena.

Os Estatutos aprovados apontam como objecto de actividade a promoção do desenvolvimento social e da cidadania. Considera-se uma agremiação de cariz político-cultural.

A ABRIL tem sede própria, suportando uma renda bastante elevada que consegue assumir através da contribuição dos sócios, das actividades que desenvolve e, em parte, partilhando o espaço com a Casa do Brasil, um dos grupos ou Entidades a que, no âmbito da sua acção, apoiou ou ajudou a criar abrindo-lhes as portas enquanto não lhes foi possível obter o seu próprio espaço. Entre esses grupos conta-se "O Teatro Espaço" de António Fontinha, "A Casa da América Latina", "A Opus Gay", "A Agro-Bio", "A 'Ojetil'" grupo de jovens timorenses ligados à manifestação do Camilheiro de Santa Cruz, entre outros.

Iniciativas

Mantém-se o vector político não partidário. Em períodos em que é necessário escolher, convidam-se os vários partidos, nomeadamente do leque de esquerda, para exporem os seus programas, já que a maioria dos membros é independente e, procura-se que cada um opte conscientemente.

Não se envolve como grupo com as campanhas dos partidos, com uma excepção que foi a 1ª eleição de Jorge Sampaio para a Câmara Municipal de Lisboa. Já se lutava por uma coligação de esquerda desde um ano antes, única forma de enfrentar a de direita até aí ganhadora por se apresentar coligada, o que distorcia a vontade da maioria dos eleitores da cidade.

Entre as suas actividades contam-se:

Tomadas de posição pública sobre diversas questões com lançamento de abaixo-assinados e idas à Assembleia da República para apresentar e defender os seus pontos de vista.

Divulga-se, analisa-se e, quando possível toma-se posição, sobre questões emergentes no contexto social ou que se encontram em debate ou discussão pública. É o caso da interrupção voluntária da gravidez ou da discussão pública sobre a Saúde.

Debates que vieram a dar origem à Plataforma para o Direito de Optar ou à defesa das Gravuras de Foz Côa tiveram início na sede da Abril.

Nos passeios e visitas procura-se contactar as comunidades locais, a população individualmente e as suas colectividades. Por exemplo na ida a Anonches participando numa melanga tradicional do porco ou, na visita à Foz Côa em que houve um encontro e debate com elementos empenhados da população, focado sobre o seu sentir acerca das consequências da descoberta das gravuras.

Promoveu-se um ciclo de iniciativas dedicado à Era de Queirós, com palestras pelo Arq. Campos Matos, uma visita guiada ao principal percurso Queiroziano em Lisboa (onde se localiza a sede da ABRIL), uma exposição temática cedida pela Biblioteca da Póvoa de Varzim, um jantar inspirado nas referências gastronómicas da obra do escritor com o Embaixador Diário de Castro Alves e, uma destinação a Tomes.

No âmbito cultural destaca-se, ainda, o acolhimento a um grupo de jovens alemães que pretendiam conhecer Portugal em várias vertentes, de cuja visita foi guia, um ciclo sobre mulheres que têm sido um desempenho interessante no país, a realização durante três anos de uma iniciativa designada "O Campo vem à Cidade", trazendo a Lisboa Associações de Desenvolvimento Local para se darem a conhecer e venderem os seus produtos.

Desenvolve actividades com outras Associações, de que se destaca a realização durante três anos da "Feira do Cidadão".

Em 1996 e 1999, ao abrigo do sub-programa INTEGRAR, promoveu formação profissional dirigida a minorias étnicas e jovens em risco, tendo a comunidade timorense como destinatária privilegiada. Esses projectos intitulados "Toda a Gente é Alguém - I e II", certificaram 43 formandos em medicina-audio, informática, tapeçaria e camisaria e, no 2º curso mais modesto, 25 em bate-chapa e informática.

Com a Casa do Brasil, tem em funcionamento uma UNIVA, Unidade de Inserção na Vida Activa.

Participaram na Plataforma para o Direito de Optar e, foram uma das Organizações subscritoras da criação da ATTAC portuguesa.

CORO LOPES-GRAÇA

da Academia Amadores de Música

Direcção de José Robert

PROGRAMA

I Parte

Uma Canção Heroica de Fernando Lopes-Graça e cinco Canções Regionais Portuguesas harmonizadas por Fernando Lopes-Graça

Uma canção heroica

1. Canto do livre Soares de Passos

Cinco canções regionais portuguesas

1. Aproveital a azeltona Beira Baixa
2. Canção da vindima Beira Baixa
3. Olha a laranja Alentejo
4. A Senhora d'Álres Baixo Alentejo
5. Adeus, Largo do Prumal Trás-os-Montes

II Parte

Três Encomendações das Almas e quatro Canções Regionais Portuguesas harmonizadas por Fernando Lopes-Graça

Três Encomendações das Almas

1. Se dormis, cristãos Origem não determinada
2. Rezemos um Padre Nosso Beira Baixa
3. Alerta, alerta (!) Minho

Quatro Canções Regionais Portuguesas

1. Os homens que vão prá guerra Douro Litoral
2. Nossa Senhora do Carmo Beira Baixa
3. São João adormeceu Alentejo
4. Maria da Conceição Beira Baixa

III Parte

Três Canções Heroicas de Fernando Lopes-Graça e a versão Coral de Fernando Lopes-Graça de uma Canção de José Afonso

Três canções heroicas

1. Acordal! José Gomes Ferreira
2. Exaltação Miguel Torga
3. Jornada José Gomes Ferreira

Versão Coral de uma Canção de José Afonso

1. Grândola, vila morena José Afonso

* (...) "Encomendar", "amentar", "ementar", "deitar", "lembrar", "lamentar", "botar" as almas, ou ainda, "botar a laia", "cantar as almas", o "pregão das almas", ou a "sofía das almas" era, até há relativamente poucos anos, um costume assinalável em praticamente todo o espaço geográfico português. Margot Dias e Jorge Dias, na sua monografia sobre "A Encomendação das Almas", adiantam mesmo que se trata de um dado cultural tão caracteristicamente português que se não encontra noutras culturas europeias, "nem a vizinha Espanha apresenta tal tradição" e "Contudo, ela existia e existe ainda nas ilhas adjacentes e no Brasil".

A "encomendação" das almas traduzia-se ou traduz-se num ritual que, com algumas variantes, se pode consubstanciar do seguinte modo.

No tempo da Quaresma (em raros lugares por altura de Fieis), um(a) "encomendador(a)", ou um grupo de "Encomendador(es)", subia, a noite velha, a um lugar alto e sobranceiro ao povoado e daí, após se ter metido no espaço delimitado pelo traçado prévio de um "signo saimão", acordava os ecos de sete povoações em redor (ou de apenas três, ou de nove), com vozes estrepitosas e propositadamente lúgubres, para o que se servia(m) com frequência de funis ou de embudes, incitando os devotos a orarem pelos seus irmãos defuntos.

"Se dormis, cristãos,
Acordai
E rezai
Pelas Almas dos vossos irmãos".

"Rezemos um Padre Nosso
E um Ave Maria..."

postos que tangiam uma campanha

Em certos lugares, essa prática efectuava-se na própria povoação, percorrendo o(s) "encomendador(es)" os caminhos da aldeia, ou da vila, ou da cidade (o "Auto do Fidalgo Aprendiz" referencia-se a Lisboa, parando nas encruzilhadas e (ou) de sete em sete passos, tangendo igualmente uma campanha.

A persistência de determinados sinais exteriores

- O "signo saimão", para afugentar os espíritos malignos,

- O sino ou, com muita maior frequência, a campanha (o "tintinnabulum" referenciado em rituais de carácter mágico-religioso entre povos que se acantonavam em territórios contíguos aos "limes" do Império Romano, num período imediatamente anterior às Grandes Invasões Bárbaras dos começos de Séc. V, aliás detectável sob uma

considerável variedade de designações, em todas as grandes civilizações da Antiguidade, aonde lhe anda associada a mesma virtude exorcizante e purificadora).

- A inevitável omnipresença dos números míticos, mesmo, ou sobretudo quando se trate de manifestações que o cristianismo lançou no rol das práticas marginais que designa por supersticiosas ("signo saimão"), é reveladora da antiguidade desta tradição que, a admitir-se medieval, como geralmente se advoga, não deixa de carregar reminiscências que atiram as suas raízes ancestrais para os ritos pré-cristãos do culto dos mortos.

A marca impressiva deste arcaicíssimo culto popular, em que os sentimentos mais primários do homem rústico, os medos atávicos mágico-sacros que lhe povoam os íntimos, vão de mistura com a sua projecção escatológica, num envoltório todo feito de natureza rude, silenciosa, escura, está bem patente nesta poesia de Teixeira de Pascoais (aqui transcrita, com a devida vénia, do precioso estudo Margot Dias e Jorge Dias):

"Montes da minha aldeia... No mais alto,
Erguido em rocha dura,
Apregoavam as almas do Senhor,
Pela Quaresma escura...
Que estranha voz funérea e sobre-humana,
Lançando o sobressalto,
O sacro horror,
Na solitária e mísera choupana!
E assim pregais, ó fiéis, na soledade,
Toda abafada em erma escurecida:
Alerta! A morte é certa!
E os ecos da quebrada: alerta! alerta!
E o silêncio, em fantástico alvoroço,
De súbito acordado,
Orava ao Céu remoto e constelado:
Ave-Maria... Padre Nosso...
E em cada lar humilde, que tristeza!
Rezavam orações,
Pastores, lavradores já velhinhos;
Vultos feitos de sombra e de magreza
E de recordações...
Lá fora, o escuro, o medo, os cães latindo...
Silêncios que se fazem, ais do vento,
Sombras de árvores bolindo...
E aquela voz de negro sentimento,

José Luís Borges Coelho
(Texto de Apresentação do CD "Marchas, Danças e Canções" - Coro Lopes Graça da AAM - Julho 1999)
"Cantos de Romanas" - Coral de Letras da Universidade do Porto - 1991

** (...) uma canção genuinamente popular, do Douro Litoral (...) tão a propósito em tempos de tanto desvario: "Os homens que vão pra guerra...", absolutamente antibelicista na completa desesperança que o verso popular, bem como o que adrede, se lhe acrescentou, desassombadamente atira ao rosto do humano desconcerto, e que a melancolia doída da sua toada, repassada de fatalismo, sublinha com tanta felicidade.

José Luís Borges Coelho
(Texto de Apresentação do CD "Marchas, Danças e Canções" - Coro Lopes Graça da AAM - Julho 1999)

JOSÉ ROBERT

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incluiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com, especial incidência na polifonia.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Vitor Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabriniano, hoje Coro do Circulo Cultural Scalabriniano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidelius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierni Kaslin, Heinz Henning, Amstadat da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Múltiplos, sob a orientação de Gestrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado e da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do País. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados.

Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, e, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.

CORO LOPES-GRAÇA DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

Fundado em 1945 por Fernando Lopes-Graça, esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática, tendo sido a sua estreia pública no Teatro Taborada aquando da apresentação do MUD a população de Lisboa.

Em 1950 foi incorporado na Academia de Amadores de Música, a convite do Padre Tomás Borja, tendo dois anos depois - 1952 - adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Música.

O Coro da Academia de Amadores de Música foi dirigido pelo seu fundador até 1988 passando nesta altura a contar com a direcção de José Robert, até então e desde 1974, maestro-adjunto de Fernando Lopes-Graça. As "Canções Heróicas" constituíram, de início, o repertório do Coro. A breve trecho porém, foi a sua apresentação pública interdida pela Polícia Política e pela Censura sem que, no entanto, estas lograssem conseguí-lo em convívios privados, que muitas vezes tinham lugar após os concertos em Colectividades Recreativas Populares ou em Associações Estudantis, bem como no exílio e nas prisões do regime de então onde, de facto, nunca deixaram de ser entoadas. Frequentemente a actuação do Coro era acompanhada de uma parte dedicada à declamação de poesia, primeiro por Maria Barroso, mais tarde por Manuela Porto que, a dada altura, criou um grupo de amadores que representava textos de Gil Vicente, Tchekov, Pirandello e outros. Juntava-se à música, a poesia e o teatro como Federico Garcia Lorca havia feito com A BARRACA.

Na impossibilidade de publicamente fazer ouvir as "Canções Heróicas" logo em 1946, surgem como resposta os cantos tradicionais do povo português harmonizados por Lopes-Graça que a este respeito escreveu:

"... história das "Canções Regionais Portuguesas", pode em certa medida considerar-se solidária da história das "Canções Heróicas".

E é o caso que, quando em 1946 foram apreendidas, para que o agrupamento coral já então formado e actuante pudesse prosseguir o seu voluntário apostolado cívico, de par com uma prestante assistência de ordem cultural junto das colectividades populares que constantemente solicitavam a sua cooperação, necessário era, de toda a evolução, mudar de tática.

Mudar de tática significava que arranjasse um repertório de cantos que promanassem de uma realidade colectiva, de algo em que o povo se reconhecesse e mediante o qual se exaltasse nos sentimentos e nas suas aspirações a um viver pátrio íntegro e limpo de aviltamentos. Essa realidade colectiva, essa matriz identificadora era, entendemos nós que era, a canção tradicional portuguesa, oferecida, não na sua natureza de puro documento folclórico - o que seria uma solução simplista e de menor oporência pedagógica pois que também estava na nossa mente uma acção educadora -, mas sim transformada e aprofundada na sua significação e na sua essência estética e social. E assim nasceram as versões corais das canções regionais portuguesas que, durante cerca de trinta anos, constituíram o forjado mas não menos actuante sucedâneo das quase à nasceram assassinas "canções heróicas", no seu conflituante propósito de servirem e preir portugueses, para sua exaltação e sua ilustração".

O Coro tem actuado de noite a sul de Portugal continental. Em Dezembro de 1974 deslocou-se a Paris para participar na I Semana do Emigrante, em Abril de 1975 foi a Lianda para as comemorações do 25 de Abril, em Abril de 1996 a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu, em Junho de 2003 aos Açores - Sta. Cruz da Graciosa, a convite da Academia Musical local.

Tem constituído o repertório do Coro, durante os 59 anos da sua existência e as mais de 700 vezes em que se apresentou em público (dados coligidos apenas a partir da época de 1955/56), perto de 240 canções, da autoria de Lopes-Graça ou por si harmonizadas, metade das quais (120) foram registadas em 14 discos.

Cerca de 400 coralistas passaram já pelo Coro.

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral da Academia de Amadores de Música reunida em 14 de Dezembro do mesmo ano, o coro passou a designar-se "Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música".

CORO LOPES-GRAÇA

da Academia Amadores de Música

Letras

Os Homens que vão pra guerra

Canção Regional do Douro Litoral

Os homens que vão pra guerra,
Vão pra guerra, vão morrer,
Diz adeus a pai e mãe,
Que vos não torno a ver.

Os homens que vão pra guerra,
Vão pra nunca mais voltar,
Diz adeus a pai e mãe,
Que vos não torno a abraçar.

Acordai!

José Gomes Ferreira

Acordai!
Acordai, homens que dormis
a embalar a dor, a embalar a dor
dos silêncios vis!
Vinde, no clamor das almas viris,
arrancar a flor
que dorme na raiz!

Acordai!

Acordai, raios e tufões
que dormis no ar, que dormis no ar
e nas multões!
Vinde incendiar de astros e canções
as pedras e o mar,
o mundo e os corações...

Acordai!

Acordai, de almas e de sóis,
este mar sem cais, este mar sem cais,
nem luz de faróis!
E acordai, depois das lutas finais,
os nossos heróis
que dormem nos covais.
Acordai!

Exaltação

Miguel Torga

Venha!
Venha uma pura alegria
Que não tenha
Nem a senha
Nem o dia!

Abra-se a porta da vida
Sem se perguntar quem é!
E cada qual que decida
Se quer a alma aquecida
Ao lume da nova fe.

Venha!
Venha um sol que ninguém tenha
No seu coração gelado!
Venha
Uma fogueira da lenha
De todo o tempo passado!

Jornada

José Gomes Ferreira

Não fiques pra trás, ó companheiro!
e de aço esta fúria que nos leva.
Pra não te perderes no nevoeiro,
segue os nossos corações na treva.

Vozes ao alto!

Vozes ao alto!

Unidos como os dedos da mão,
havemos de chegar ao fim da estrada,
ao sol desta canção.

Aqueles que se percam no caminho,
que importal Chegarão no nosso brado.
Porque nenhum de nós anda sózinho,
e até os mortos vão ao nosso lado.

Vozes ao alto!

Vozes ao alto!

Unidos como os dedos da mão,
havemos de chegar ao fim da estrada,
ao sol desta canção.

Grândola, Vila Morena

José Afonso

Grândola vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti o cidade

Dentro de ti o cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola vila morena

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena

Poesias e Cartas

Edição de 1971

Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues

A obra postuma de José Bação foi para nós a revelação, que as circunstâncias da sua morte tornam particularmente dramática e pungente, de um talento profundamente original e de uma sensibilidade nova, a qual pode pesquisar-se em escritos de alguns jovens da sua geração, mas que raro se abre, como nestes textos, a um olhar atento, com tão consumada sinceridade. Com tão prometedora amplitude. Sensibilidade exigente e generosa, marcada por uma ânsia radical da verdade e, bem antes de Maio 68, por um inultrível espírito de contestação, que põe em causa não só o statu quo político mas todo o edifício de brandas maneiras e consentimentos, de ideias herdadas, de palavras esgotadas veiculando coisas mortas e até, logicamente, os padrões literários aceites.

Haverá equívocos, por certo, nalguma rejeição ou no favor que José Bação Leal possa conceder a este poeta, aquele livro, a uma voz que lhe chega de muito perto ou quase do fim do mundo. Mas de um modo geral – e nesse aspecto são as suas cartas riquíssimas – os juízos que pronuncia, com uma acuidade e frescura para as quais não encontro paralelo em toda a nossa literatura epistolar, conjugam a segurança do gosto com explosões de entusiasmo em que flui uma espécie de sentido divinatório.

O carácter extremamente pessoal das suas conotações, o tom coloquial, íntimo, que impõe e de que nunca abdica, a violência terna e exacerbada de muitas das suas metáforas, em que é sempre patente a carga afectiva, o tónus poético de muitas das suas cartas (a que se contrapõe a revolta directa e desolada, ou exasperada, de outras) dão-nos uma tocante imagem de vertiginoso crescimento humano e estético. Há traços de anjo, mas de anjo agressivo (inimigo declarado de todo o farisaísmo, mandarínismo e veneração do lugar comum) neste rapaz culto e carinhoso, cheio de repentes, que põe nas suas leituras toda a ebulição dos impulsos e na vida de relação intercalada alegorias e reminiscências estético-filosóficas. Sim: vêmo-lo neste livro crescer e atingir uma invulgar estatura moral de homem.

Convive familiarmente – sem preconceitos de clã – com os materialistas Sartre e Garaudy, com os católicos Jean Lauroix, Emmanuel Mounier, Gabriel Marcel. Admira Aimé Césaire, Fernando Pessoa, Ramos Rosa, Herberto Helder, Teresa Horta, M. S. Lourenço. O seu desejo presente-se que seria reconciliar Marx e Kirkegaard (cita, aliás, uma frase de Garaudy que atribui tal propósito a Mounier).

Além de nos fazer conviver humana e esteticamente com quem teria porventura vindo a ser – não lhe houvessem truncado a vida a crueldade e a insânia que ele denuncia – um dos maiores escritores de língua portuguesa do nosso tempo, este livro fica sempre, no seu valor testemunhal, como um marco histórico (resumindo a agonia e o martírio de tantos e tantos jovens absurdamente torcidos ou, como ele, quebrados, ao arripio da história, na sua natureza e nas suas opções), eis-nos pois, perante um extraordinário, um apaixonante documento de consciência, que por ser rigorosamente localizado, resulta ainda mais tragicamente universal.

Empreguei há pouco o adjectivo verbal quebrado, aludindo à morte física de José Bação Leal. Mas o termo deixa ainda um rasto de ambiguidade no contexto em que se insere. Há por isso que precisar que, sabendo que riscos enfrentava para permanecer igual a si mesmo, José Bação Leal escolheu deliberadamente o não ser para continuar a ser em nós aquilo que era. Assim o seu testamento – este maço de cartas, este punhado de versos – toma o sabor de um legado escrito com sangue, de um eco que nenhum vento repressivo poderá apagar, senão que há-de ampliar-se em sementeira de som, até ao triunfo do que foi para José Bação Leal razão de viver e morrer: a glória da paz e da justiça.

Urbano Tavares Rodrigues

JOSÉ CRISÓSTOMO GOMES BAÇÃO LEAL

Nota Biográfica

NASCEU EM LISBOA A 1 DE JULHO DE 1942
FALECEU EM NAMPULA, MOÇAMBIQUE, A 1 DE SETEMBRO DE 1965

Julho 1942	Nasceu em Lisboa, Freguesia de Camões, em casa dos avós maternos
Outubro 1946	Entra para o Jardim Infantil Montsoni
Outubro 1947	Jardim Infantil Las Filles de la Sagesse, na Bélgica
Janeiro 1948	Jardim Infantil do Colégio de S. José, até completar 6 anos de idade
Outubro 1948	Ensino primário no Colégio Académico
Junho 1952	Colégio S. João de Brito, até concluir o 2º Ano Geral
Outubro 1954	Entra para o Colégio Militar, para frequentar o 3º Ano
Julho 1956	Férias na Suíça
Junho 1957	Férias em Inglaterra
Outubro 1959	Saída do Colégio Militar, sem ter concluído o 7º Ano
1960 / 1961	Frequenta o 7º Ano no Colégio Académico Conclusão do 7º Ano. Preparação para a admissão ao Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, que não chega a fazer
Novembro 1962	Estada em Mourão, Alentejo
Agosto 1963	Entrada para Mafta para frequentar o Curso de Oficiais Milicianos
Janeiro 1964	Colocado no Funchal, regressa a Mafta para frequentar o curso especial de preparação militar no Centro Militar de E.F.E.D.
Fevereiro 1964	Segue para Lamego para frequentar a escola de Rangers
Abril 1964	Colocado sucessivamente na Amadora, no RI 3 em Beja e no RI 16 em Évora
Setembro 1964	Chega a Setúbal para ser enquadrado numa unidade daquela cidade em que seguia para África. Embarca no Cisal da Rocha do Conde d'Óbidos, no Niassa, em 21 de Outubro
Novembro 1964	Passa em Luanda e em Lourenço Marques, e chega a Nacala onde desembarca. A unidade é colocada no Alto Molocué
Junho 1965	Transferência para Metangula e depois para Vila Cabral
Julho 1964	Em 10 de Julho acidente com uma mina e evacuação para Hospital de Nampula
Setembro 1965	Faleceu no Hospital de Nampula

FRANCISCO FANHAIS

Letras

(I)

Embora os meus olhos sejam
Os mais pequenos do mundo
O que importa é que eles vejam
O que os homens são no fundo

P'ra mentira ser segura
E atingir profundidade
Tem que trazer à mistura
Qualquer coisa de verdade

Vós que lá do vosso império
Prometeis o mundo novo
Calai-vos que pode o povo
Querer o mundo novo a sério

Que importa perder a vida
Em luta contra a traição
Se a razão mesmo vencida
Não deixa de ser razão

Eu não tenho vistas largas
Nem grande sabedoria
Mas dão-me as horas amargas
Lições de filosofia

António Aleixo

(II)

Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar

Sofia de Mello Breyner Andresen